



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
<i>País</i>	14. SET. 1979	PODER POPULAR	

## OPINIÃO LIVRE

# Carta aberta à senhora primeiro-Ministro

LI com a maior atenção o discurso de apresentação do Programa «do N» Governo (peço desculpa, já lhes perdi a conta) a que V. Exa. preside. Várias coisas me deram no goto. — que passo em claro porque não vêm a propósito nestas colunas. Uma há porém, que não quero dispensar-me de comentar, porque me feriu. Disse V. Exa. «o Governo procurará, nas breves semanas de que dispõe, contribuir para pôr em relevo outros dilemas bem mais complexos e que estão presentes em todas as formas de regime político, conscientes e democráticas». Fim de citação. Seguiu-se a enumeração desses «outros» dilemas. E eu — que sou uma pessoa limitada por natureza e que não fui além do 7.º ano do Liceu (pelo sistema antigo) — fiquei perplexa. Por duas razões.

Se os dilemas indicados são «os outros», — é que, certamente (no meu fraco entender) há «os uns». Mas aos «uns» não houve referência no seu discurso: por serem de somenos importância ou por já estarem muito «batidos»? A interrogação ficou a bailar no meu espírito por uns breves instantes. Depois, reflecti que a resposta só podia ser uma: a expressão «outros», neste caso, equivale no seu espírito, Senhora primeiro-Ministro a «verdadeiros». Portanto, o Governo, pela sua boca definiu aqueles dilemas que, no seu entender, são os «autênticos», os «profundos», os que afligem «todas as formas de regime, etc. etc. etc.».

Chegada a esta conclusão,

devo confessar que a alma me caiu aos pés com um estrondo colossal. «Será esta a «Boa Nova» que a Senhora primeiro-Ministro tem para nos anunciar?» — cogitei. Pensará a Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo que todos nós (mesmo os pouco esclarecidos e incultos, como eu) ainda não percebemos que tais dilemas existem e que são extremamente complexos? (limitados, — seremos estúpidos, não!).

Não estará a avaliar-nos, por baixo Senhora primeiro-Ministro? Isso seria grave em qualquer regime, — democrático ou não. Mas passemos...

Porque o que mais me chocou não foi o dito mas o que ficou por dizer, — e essa lacuna é o objecto da minha carta.

Se tivesse filhos, Senhora primeiro-Ministro, saberia que o dilema, por excelência, do Portugal que terá nas suas mãos durante 100 dias (e uns pós), — são as crianças, os adolescentes e os jovens portugueses, suspensos entre um presente ultra confuso e um futuro angustiante. Se tivesse filhos, Senhora primeiro-Ministro, e tivesse de ajudá-los a escolher e a trilhar os caminhos do futuro, veria que esse dilema se apresenta sob a forma de caras bem definidas e com nomes próprios, que esperam uma esperança que nós, os Pais, não sabemos nem podemos dar-lhes. E que palavras como as que usa e de que abusa a Senhora primeiro-Ministro (e alguns dos seus colaboradores mais próximos) não os ajudam, nem nos ajudam.

Se quiser fazer uma experiência, — eu mando-lhe os meus filhos para um agradável (?) «bate-papo». Verá que eles a não entendem, nem à sua adjunta Teresa Santa Clara Gomes. Eu mando-lhos — a si ou a ela, — e reparem, peço-lhes, nas caras dela, quando lhes perguntarem «que coloquem as suas vidas ao serviço duma utopia absoluta...». Atentem bem na expressão de espanto que se lhes estampará no rosto quando Teresa Santa Clara Gomes lhes explicar, com o entusiasmo e fervor peculiares, «que o Evangelho é monopólio daqueles que apostam na libertação total e definitiva de toda a humanidade». Antes de mais, — porque monopólio é uma palavra inadequada: em português corrente significa a apropriação indevida, por um pequeno grupo, de algo que deve estar ao serviço de todos. E depois, — porque tudo isso não passa de palavreado oco. Os meus filhos já são crescidinhos e lêem os jornais (quando conseguem ultrapassar o saudável enjoo instintivo). Lêem por exemplo, o resumo do último relatório da OCDE e tomam conhecimento do estado de completo descalabro económico em que caiu o nosso País e de quais as causas «internas» que lhe deram origem. Também vêem e ouvem televisão e têm mais do que a sua conta de «crises» de «impasses» e de outras esperanças realidades com que lhes azoïnham os ouvidos, frequentam Liceus e apercebem-se de que a sua preparação para o futuro enferma de deficiências vitais.

E perguntam a si próprios:

«Qual futuro?» E perguntam-nos o mesmo a nós, os Pais e Mães deste País. O que havemos nós de responder-lhes, Senhora primeiro-Ministro?

Que coloquem as suas vidas de «desempregados potenciais» ao serviço de uma utopia absoluta?

Que empenhem a sua «incompetência» provável no esforço heroico de luta pela libertação total e definitiva de toda a humanidade? É com maus profissionais — porque pessimamente preparados — que se constrói seja o que for? É no meio dum clima de corrupção pasmosamente generalizado que se formam homens honestos?

É num ambiente degradado, pelos incêndios criminosos que devastam as zonas florestais e pelo lixo (material e moral) que corrompe o litoral, que se criam crianças saudáveis?

É com palavrório sofisticado e incompreensível que se prega o Evangelho?

Pelas almas: deixem o Evangelho em paz e não «profetizem» mais: o Evangelho é difícil de viver mas não é complicado de entender. Se não são capazes de falar de maneira que os jovens as compreendam e acreditem, se não têm palavras simples e reais de esperança a dizer-lhes — calem-se, e façam qualquer coisa. Por eles. Para eles. Concretamente, — e bem feito se lhes for possível.

Mas calem-se, por favor. Porque garanto-lhes que eles já não os podem ouvir.

Maria da Conceição Ameal